

Terrorismo e paramilitarismo: a Al-Qaeda e o poder ideológico

ANDRÉS PEÑALOZA LANZA



RESUMO

Atualmente passando por uma fase de enfraquecimento e à sombra da nova ameaça mundial - o Estado Islâmico-, a Al-Qaeda não deixa de ser a expressão máxima do terrorismo do século XXI a partir dos ataques de 11 de setembro. Porém, sua história começa mais de 20 anos antes de 2001 e suas origens dizem muito sobre os novos desdobramentos do jihad mundial. O presente artigo pretende explicar as origens da organização terrorista paramilitar desde o MAK e o EIJ para explicar as bases ideológicas das quais parte o jihad que a Al-Qaeda defenderá e suas interpretações do Alcorão, demonstrando que a principal motivação da organização é, principalmente, uma luta ideológica, e não de interesse econômico ou de expansão territorial pelo poder. Palavras-chave: Al-Qaeda, jihad, Islã, Osama bin Laden, Afeganistão, MAK, EIJ, Abdullah al-Zawahiri

RESÚMEN

Actualmente pasando por una fase de debilitación e bajo la sombra de la nueva amenaza mundial- o Estado Islámico-, Al-Qaeda no deja de representar la expresión máx-

ima del terrorismo del siglo XXI a partir de los ataques del 11 de septiembre. Sin embargo, su historia comienza más de 20 años antes de 2001 y sus orígenes dicen mucho sobre los nuevos desdoblamientos del jihad mundial. El presente artículo pretende explicar los orígenes de la organización terrorista paramilitar desde el MAK y el EIJ para explicar las bases ideológicas de las cuales parte el jihad que Al-Qaeda defiende e de sus interpretaciones del Corán, demostrando que la principal motivación de la organización es, principalmente, una lucha ideológica, y no de interés económico o de expansión territorial en busca de poder. Palabras clave: Al-Qaeda, jihad, Islam, Osama bin Laden, Afganistán, MAK, EIJ, Abdullah al-Zawahiri

INTRODUÇÃO

Ao pensar em organizações paramilitares, é muito difícil não fazer uma associação com, quiçá, a organização paramilitar terrorista mais temida e midiática da história recente: a Al-Qaeda (salvo, talvez, com as FARC na Colômbia, por estarem próximas à nossa realidade latino-americana). Ao mesmo tempo, é impossível não associar a Al-Qaeda à imagem do seu líder

mais emblemático e homem mais procurado do mundo durante uma década: Osama Bin Laden. As organizações paramilitares têm se mostrado como um ator extremamente relevante nas relações internacionais e seu poder tem sido capaz inclusive de definir a política externa de alguns Estados. O Estado não é mais o único ator que define o funcionamento do sistema internacional, como ele foi capaz de perceber de forma violenta em 2001, e, até o momento, nem ele nem as organizações internacionais têm se mostrado eficazes na luta para diminuir o crescimento militar, econômico e do número de militantes das organizações paramilitares ao redor do mundo. A história da Al-Qaeda evidencia que o combate ao terrorismo comandado pelos Estados Unidos conseguiu desestruturar e desestabilizar a organização. Contudo, o surgimento do ISIS, cuja base ideológica parte de princípios quase idênticos, é um exemplo de que o Estado e o multilateralismo não têm achado a solução eficaz para parar com o surgimento e crescimento de novas organizações paramilitares. O poder paralelo, representado por organizações com poder militar comparável ou até às vezes maior que o dos próprios governos (Boko Haram na Nigéria, Al-Qaeda no Afeganistão nos anos 80 e 90), foi e continua sendo um importante ator internacional capaz de mudar o rumo das relações internacionais e pôr em xeque a legitimidade de certos governos (ou bem, de se aliar e contar com a proteção de outros).

O MAK, O EIJ E AS BASES IDEOLÓGICAS DA JIHAD

Como em muitos outros movimentos e organizações paramilitares (Hezbollah, Hamas, ISIS), a força da expansão da Al-Qaeda tem a base ideológica da sua própria interpretação fundamentalista do Alcorão como principal motivo, cujo pilar mais importante é a jihad, além de outros 7 conceitos do Islã que a compõem. Toda aquela ideologia radicalizada do Islã provém de antes da criação da organização e tem evoluído através de ideólogos tanto de dentro quanto de

fora da Al-Qaeda (o egípcio Sayyid Qutb, teórico membro da Irmandade Muçulmana; o saudita Abdullah Azzam, professor e mentor de Bin Laden; al-Zawahiri, mão direita, ideólogo emblemático, suposto idealizador dos ataques do 11 de setembro e sucessor do líder após sua morte). A interpretação da jihad do Al-Qaeda inicia-se com a ocupação das tropas soviéticas no território do Afeganistão, em 1979. Fato histórico que, na verdade, é o motivo da criação da organização. Bin Laden, um fundamentalista do Islã, acreditava no dever de lutar contra os inimigos da fé de Allah (infiéis, politeístas e apoiadores) e na obrigação de todos os muçulmanos entrarem na luta armada contra estes, ideia que se radicaliza e não faz distinção entre civis e militares. Jihad, em si, significa “luta”, uma Guerra Santa cujo expoente máximo é a guerra contra os inimigos do Islã. O objetivo é a busca da excelência e do domínio muçulmano para criar a “Casa do Islão” ou Dar al-Islam (segundo conceito que compõe a ideologia da Al-Qaeda), ou seja, na sua expressão mais fundamentalista, a criação de um Estado Islâmico. Existem interpretações tradicionais do Alcorão onde a jihad não é alcançada através da luta armada nem de mortes para o estabelecimento de um califado, a jihad é também uma luta interna pela prosperidade, pelo desenvolvimento humano ou pela família, e também pode ser uma luta contra a injustiça, o mal, o ódio, etc. Com a invasão soviética em território afegão, apoiada pelo governo comunista do país, surge uma forte oposição do Mundo Árabe conhecida como “Movimento Nacional Afegão de Resistência”, entre os que se encontravam Bin Laden, Abdullah Azzam e al-Zawahiri, que acreditavam na luta armada pela defesa contra os infiéis. Cria-se, então, o Maktab al Khidmat lil Mujahidin al-Arab (MAK), uma espécie de Direção de Serviços Afegãos (Service Bureau), cujo objetivo principal era o recrutamento e treinamento de jihadistas do mundo árabe e do ocidente para a luta contra os soviéticos, e a captação de recursos para seu funcionamento. A importância da base de treinamento, chamada de al-Qaeda (que, etimologi-

camente, significa justamente “base”), foi a que acabou dando o nome pelo qual a organização seria conhecida no mundo inteiro. O MAK tinha uma rede de escritórios e doadores do mundo inteiro e chegou a desembolsar, no seu ponto mais alto de funcionamento, dois milhões de dólares durante a guerra contra os soviéticos. O maior financiador da organização foi Osama Bin Laden. Após o fim da guerra e a retirada das tropas, algumas divergências ideológicas e sobre o destino dos fundos arrecadados levaram a dividir a liderança do MAK, especificamente entre Abdullah Azzam, co-fundador da organização, e al-Zawahiri, porém, um ataque com um carro-bomba acabou com a vida de Azzam e seus dois filhos, com o que o MAK passou às mãos de Osama bin Laden, que tinha sido fortemente influenciado por al-Zawahiri. Pouco tempo depois, o MAK acabou sendo absorvido pela Al-Qaeda. A importância de Ayman al-Zawahiri para a Al-Qaeda é fundamental. A procura de um aliado de peso maior do cenário global, Bin Laden cria um forte laço com o líder da Jihad Islâmica Egípcia (EIJ) em 1998, cujo líder era al-Zawahiri e que tinha um forte vínculo histórico com a organização. A luta da EIJ no Egito e a base ideológica que o líder propunha foram os aspectos mais relevantes que a Al-Qaeda acabou adotando quando se aliaram. A partir desta aliança, a jihad da Al-Qaeda se expande definitivamente e sua base ideológica se concretiza, o que também leva a mudar seu discurso, denunciando que os Estados Unidos planejavam invadir o Iraque para depois enfraquecer seus vizinhos muçulmanos. O alvo dos ataques terroristas, a partir de então, é focado nos Estados Unidos, como pôde ser visto nos ataques às embaixadas americanas em Nairobi e Dar es Sallam em 1998 e 200, respectivamente, e nos ataques do 11 de setembro em Nova Iorque. O MAK e EIJ são muito importantes para entender o crescimento da Al-Qaeda e dos seus principais líderes, pois eles servem para demonstrar dois pontos importantes. O primeiro é que os objetivos da organização são principalmente ideológicos e não uma simples ambição por

dinheiro ou conquista territorial, e isto pode ser observado nos princípios estabelecidos pelos líderes da Al-Qaeda e que guiam o seu discurso, o que leva ao segundo ponto importante. A história da formação da organização une duas fortes organizações lideradas por um emir, um teólogo e um mentor da jihad global, ou seja, a formação da base ideológica da Al-Qaeda não surge de um momento para outro, ela é produto de um longo decorrer de fatos, influências e interpretações do Alcorão de importantes líderes da jihad e é por isso que cobra uma força tão grande e tão atraente para milhares de muçulmanos que desejam se unir à luta. Além dos princípios da jihad (“luta” ou “Guerra Santa”) e do Dar-al-Islam (Casa do Islão), existem outros cinco princípios que definem a ideologia defendida pelo Al-Qaeda: Bayat é o juramento de obediência feito perante o Emir ou líder do grupo e suas leis; a desobediência, quebra ou revogação é considerada um grave pecado. A Ummah é o “caminho legítimo e verdadeiro” que a comunidade coletiva de todos os muçulmanos deve seguir, quem não segue o caminho da Ummah é considerado não-crente. Todos os muçulmanos são obrigados a segui-la e, na visão radical do Al-Qaeda, os muçulmanos que viverem em Estados de governos de não-crentes não deve seguir as leis desse país. Takfir é o ato pelo qual um muçulmano é acusado de infiel, o que o converte automaticamente em inimigo e que é constantemente usado pelo Al-Qaeda. É um ato muito sério e tradicionalmente é proibido de ser usado pelos muçulmanos. A morte ou Shaheed é a migração para Deus e é usada pelo Al-Qaeda para defender os atos suicidas como um dos caminhos para chegar a Allah como mártires, porém, a interpretação tradicional condena o suicídio como um pecado. Um dos princípios mais radicais que o Al-Qaeda fomenta é o do Al-Wara Wal Bara, que se refere a ideia de “nós contra eles” e que faz uma diferenciação entre os fieis e os inimigos, aos que é destinada a morte por escolher o caminho errado. Finalmente, o Hiraj refere-se à migração

dos muçulmanos de casa para unir-se à jihad, o abandono do lugar de nascimento ou onde a pessoa habita e dos seus familiares, sem necessidade de autorização; este ato é feito por amor a Deus e visa atingir objetivos maiores (“celestiais”) para seguir a Ummah e prosperar no Dar-al-Islam. Todos estes princípios explicam de forma perfeita e clara todos os atos, políticas e ataques da Al-Qaeda. Desde o recrutamento de novos e jihadistas aos ataques suicidas, tudo está absolutamente planejado e idealizado no discurso (e suas pequenas alterações) adotado pelos ideólogos desde os anos 80. Os 7 princípios do Islã interpretados pelos intelectuais do Al-Qaeda evocam um lugar utópico, porém real –e até com nome: Dar al-Islam-, sonhado e alcançável através da jihad, um “paraíso”, como os próprios jihadistas costumam chamar ao recrutar soldados e mulheres e fazer o hiraj, onde o califado tem sido finalmente instalado e é seguido devotamente (Bayat), um lugar onde os kufar são inimigos (Al-Wara Wal Bara) e todos respeitam e seguem o caminho ou Ummah traçado por Allah.

CONCLUSÃO

A Al-Qaeda, mesmo atualmente num crise de liderança desde 2011 e enfraquecida pela intensa “guerra ao terrorismo”, além de sua rivalidade com o ISIS, tem uma relevância fundamental para as organizações paramilitares terroristas pela sua instauração de uma jihad ideologicamente tão forte que foi capaz de atrair soldados e militantes tanto do mundo árabe quanto do Ocidente, sendo financiada através de uma imensa rede de doadores, sheiks e até governos. A interpretação do Islã feita pelos seus ideólogos mais importantes tem um peso muito grande na posterior formação de novas organizações jihadistas, como o Estado Islâmico, e é possível observar e usar como evidência a estruturação do grupo terrorista, suas táticas de recrutamento e alvos de ataque para demonstrar que todos eles partem de um motivo suportado pela leitura radical do Islã, e não são esforços gratuitos em busca de conquistas econômicas, territoriais ou

de poder. O poder ideológico da luta jihadista tem sido capaz de movimentar milhares de pessoas e criar organizações com a força suficiente para alterar o sistema internacional por uma irrenunciável reivindicação de uma crença poderosíssima que, até hoje, pode ter achado obstáculos que a enfraqueça, mas nada que a detenha.